

## Deslocamentos identitários na obra O Simpatizante, de Viet Thanh Nguyen<sup>36</sup>

### Identity Displacements in Viet Thanh Nguyen's Novel The Sympathizer

### Desplazamientos identitarios en la obra El Simpatizante, de Viet Thanh Nguyen

Deborah Filippetto

 <https://orcid.org/0000-0001-7593-1617>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Dionei Mathias

 <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

#### Resumo

Publicado em 2017, o romance *O Simpatizante*, de Viet Thanh Nguyen, centra-se nas tensões sociais causadas pelo deslocamento de refugiados. Para isso, reflete sobre vetores de identificação e problematiza a necessidade de repensar o eu em novos contextos nacionais. Com isso em mente, este artigo foca na discussão das dimensões da identidade, em sua oscilação entre ambiguidade e pertencimento. A discussão fundamenta-se teoricamente nas proposições conceituais de Luciano dos Santos (2011) sobre a identificação cultural contemporânea, nas contribuições de Stuart Hall (2006) sobre o caráter dialógico de identidades e nas reflexões de Anthony Kwame Appiah (2019) sobre gestão de alteridade e rótulos de classificação. O romance se revela atento à complexidade de construções identitárias, mantendo a tensão inerente à ambiguidade e concebendo novas formas de pertencimento.

**Palavras-chave:** viet thanh nguyen, o *simpatizante*, identidade, deslocamento.

#### Abstract

Published in 2017, Viet Thanh Nguyen's novel *The Sympathizer* focuses on social tensions caused by the displacement of refugees. For this, it reflects on identification vectors and problematizes the need to rethink the self in new national contexts. With this in mind, this article aims to discuss identity dimensions, in its oscillation between ambiguity and belongingness. The discussion is theoretically based on Luciano dos Santos' (2011) conceptual propositions about contemporary cultural identification, on Stuart Hall's (2006) contributions on the dialogical character of identities and on Anthony Kwame Appiah's (2019) reflections on alterity management and classification labels. The novel is attentive to the complexity of identity construction, maintaining the tension inherent in ambiguity and devising new forms of belonging.

**Keywords:** viet thanh nguyen; *the sympathizer*; identity; displacement.

---

<sup>36</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de mestreado desenvolvida no ano 2023 na Universidade Federal de Santa Maria, com trechos previamente publicados no Repositório Digital da UFSM Manancial.

### Resumen

Publicada en 2017, la novela *El simpatizante*, de Viet Thanh Nguyen, se centra en las tensiones sociales causadas por el desplazamiento de refugiados. Para ello, reflexiona sobre los vectores de identificación y problematiza la necesidad de repensar el yo en nuevos contextos nacionales. Con esto en mente, este artículo se enfoca en la discusión de las dimensiones de la identidad, en su oscilación entre la ambigüedad y el sentido de pertenencia. La discusión se basa teóricamente en las proposiciones de Luciano dos Santos (2011) sobre la identificación cultural contemporánea, en las contribuciones de Stuart Hall (2006) sobre el carácter dialógico de las identidades y en las reflexiones de Anthony Kwame Appiah (2019) sobre la gestión de la alteridad y las etiquetas de clasificación. La novela demuestra estar atenta a la complejidad de las construcciones identitarias, manteniendo la tensión inherente a la ambigüedad y concibiendo nuevas formas de pertenencia.

**Palabras clave:** viet thanh nguyen, *el Simpatizante*; identidade, desplazamiento.

### Introdução

Muitos países anglófonos têm um histórico de imigração voltado para os acontecimentos políticos e sociais. Isso vale para sociedades cuja gênese se deu, em grande medida, em decorrência de fluxos migratórios como os Estados Unidos, o Canadá ou a Austrália, mas vale igualmente para o Reino Unido, onde muito imigrantes têm se estabelecido (MATHIAS, 2018), no período do pós-guerra. Esses deslocamentos naturalmente produzem discussões sobre pertencimento e representação identitária, o que também reverbera na malha ficcional da produção literária.

A sociedade americana e sua literatura ilustram isso muito bem. Assim, estabelecer narrativas representacionais para os diversos grupos étnico-culturais minoritários se torna um elemento importante, tanto para legitimação de suas vozes quanto para a conquista de direitos igualitários. A exemplo disso está a inclusão de literaturas étnicas no cânone literário que é estudado no país, mudança considerada por teóricos como David Palumbo-Liu (1995) um marco importante para avançar em direção ao reconhecimento multicultural<sup>37</sup>.

A discussão em torno dos fluxos migratórios nos Estados Unidos – e em qualquer outra sociedade – está condicionada ao momento histórico e suas implicações<sup>38</sup>. Durante a

<sup>37</sup> Palumbo-Liu (1995) considera que a inclusão de literaturas étnicas como parte do cânone estudado como central para a institucionalização do multiculturalismo no país, porém reconhece que os primeiros passos desse multiculturalismo são distintos de um multiculturalismo *crítico* imaginado.

<sup>38</sup> Constantes atos e leis como “Nationality Act” (1790) e “Immigration Law” (1917) foram estipuladas dentro do território dos Estados Unidos para restringir a entrada, o acesso e também aquisição de documentação para cidadania e naturalização de imigrantes asiáticos e seus filhos nascidos no país de assentamento. Além das restrições de entrada e segregação no país, outro exemplo notável da retirada de direitos de cidadãos asiático-americanos foi a chamada “Executive Order 9066”, que designava campos de segregação para japoneses e seus descendentes em 1942, após o ataque do Japão a Pearl Harbor durante a Segunda Guerra Mundial (ADAMS, 2008).

Segunda Guerra, por exemplo, a propaganda bélica incendiou o espírito nacionalista dentro do país, reforçando moldes de representação da identidade americana imaginada pelo grupo hegemônico. Mais tarde, padrões, anteriormente estabelecidos e que se intensificaram com os discursos em prol da guerra, começaram a ser alvos de questionamentos, essencialmente pelo envolvimento dos Estados Unidos em dois eventos centrais, a saber, a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã (ANDERSON, 2005). Ao final da Guerra do Vietnã, com o fracasso dos investimentos norte-americanos empregados no conflito, mais de um milhão de refugiados buscaram asilo no país (ADAMS, 2008). O modo como esses atores sociais podem participar da respectiva sociedade de acolhimento depende das condicionantes socioculturais e, em grande medida, isso se sedimenta na produção ficcional.

Em conjunto com outras vozes oriundas de fluxos migratórios, Viet Thanh Nguyen, filho de refugiados vietnamitas, discute as questões identitárias de minorias a partir de seus textos teóricos e literários e, assim, conquistando visibilidade em sua pesquisa no campo da literatura comparada com títulos como *Race and Resistance: Literature and Politics in Asian America*, em 2002, e *Nothing Ever Dies: Vietnam and the Memory of War*, de 2016. Simultaneamente, em 2015, o autor publica seu primeiro romance – *The Sympathizer*, que nos anos seguintes (2016 e 2017), seria consagrado com o prêmio Pulitzer de Ficção e *Prix du Meilleur Livre Étranger*. Ainda em 2017, o autor publicou a coletânea de contos intitulada *The Refugees*, contribuindo para um conjunto de reflexões literárias sobre os fluxos migratórios e as experiências que remetem à condição de refugiado.

Como voz integrante da Literatura Asiático-Americana (ADAMS, 2008), Nguyen dialoga com as formatações discursivas que permeiam os espaços sociais. Através desses fundamentos discursivos são estabelecidas as tensões que legitimam ou deslegitimam as narrativas identitárias que se diferem do discurso dominante e, também, delineiam a possibilidade de agência dos integrantes de grupos minoritários no projeto de sociedade. Em suas temáticas e abordagens principais, se destacam o questionamento das etiquetas que designam os espaços sociais aos sujeitos, a memória na construção narrativa do si e as condições de hipervisibilidade ou hiper-invisibilidade que se estabelecem aos sujeitos sob a condição de refugiados (NGUYEN, 2018), o pertencimento e o deslocamento (geográfico e afetivo). O autor revisita o conceito de identidade nacional, frisando aspectos de deslocamento de refugiados, uma vez que estes sujeitos deixam de ter acesso ao seu espaço geográfico de origem e precisam reimaginar sua coesão narrativa a partir de outros vetores.

Na Modernidade, as macroidentidades nacionais e culturais produziam a estabilização narrativa, a partir de seus símbolos, conforme Stuart Hall aponta: “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2006, p. 29). Esses moldes, até então concebidos como estruturas estáveis de sentido, permitiam que o sujeito se posicionasse socialmente e se distinguisse de outros, tendo em vista seu pertencimento assegurado por estes vetores de localização. Nisso, a língua desempenha um papel central, na medida em que serve de instrumento para definir o que é a diferença e as regras de pertencimento.

Kathryn Woodward (2014) destaca que estas formas de organização são produzidas a partir do caráter relacional da diferença, de forma que só é possível conceituar e definir uma identidade para si, a partir da utilização da língua para descrever a alteridade de um outro. Ainda conforme a autora, esse caráter relacional das identidades culturais na pós-modernidade não é autorreferencial, uma vez que depende da existência de um outro para a construção do sentido: “Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto de diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2014, p. 40). O pertencimento a um grupo emerge, portanto, da possibilidade de nomear a diferença do outro, definindo quais são as características que não fazem parte do grupo imaginado como “o seu”.

As formações simbólicas resultantes do processo de diferenciação têm seu sentido operado pelas práticas discursivas, tendo impacto direto nas negociações de poder que perpassam os espaços sociais e definindo igualmente

[...] o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, dentre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade – tal como a da feminilidade loira e distante ou a da masculinidade ativa, atrativa e sofisticada [...]. Somos constrangidos, entretanto não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais (WOODWARD, 2014, p. 19).

Com isso, os mecanismos discursivos, além de permitirem a organização das facetas do sujeito em uma malha narrativa, também moldam e definem os limites do pertencimento. A diferença existe a partir dos significados que a língua consegue definir para as formações de sentido e representação social. Nisso, as estratégias retóricas que estão por trás de esforços

representacionais remetem à manutenção e obtenção de poder dentro dos espaços sociais, ao mesmo tempo, a tentativas de subversão desse poder estabelecido. Essas diferenciações e formações simbólicas fundamentam a inserção de indivíduos em categorias identitárias nacionais, de gênero, sexuais, raciais, étnicas (SILVA, 2014, p. 84) e demais intersecções. Com a nomeação da diferença e alteridade, surgem as práticas de inclusão e exclusão dentro das fronteiras desse pertencimento identitário, a fim de organizar quem pertence a um determinado grupo ou não.

Na obra *O Simpatizante* (2017) é possível observar aspectos referentes à formação (e transformação) das identidades no contexto contemporâneo dos Estados Unidos, uma vez que as tensões sociais são intensificadas pela mobilidade forçada e deslocamento dos personagens oriundos de fluxos migratórios nesse espaço social. Conforme Chantal Lacroix (2010), as expressões de pertencimento se manifestam através de diferentes esferas e vetores perante a problemática de acolhimento de imigrantes e refugiados. Nesse sentido, o pertencimento e integração dos indivíduos em uma sociedade está além dos direitos civis que podem ser conquistados, estando associados também aos níveis afetivos de troca cultural e acolhimento nos países de aceitação. Segundo a autora, quando os indivíduos se inserem nas malhas sociais, há um movimento dialógico entre a cultura e valores do grupo hegemônico e do grupo minoritário. Apesar disso, as transformações que emergem dessas relações não são simétricas, uma vez que elas se estabelecem a partir da categorização de características de alteridade e hierarquizações sociais.

Com efeito, na obra *O Simpatizante* (2017) desvela entrelugares, expondo as diferentes narrativas identitárias que se formam a partir da socialização nas zonas de contato entre esses grupos. O romance problematiza as limitações da agência e o exercício da voz de grupos minoritários, assim como os vetores discursivos que sustentam as construções identitárias híbridas dos personagens. Essas tensões ocorrem em virtude do contexto em que os personagens se inserem no romance, a saber, o espaço social norte-americano pós-guerra, em que o grupo hegemônico busca, a partir de discursos homogeneizantes identitários, silenciar a presença de sujeitos oriundos de fluxos migratórios que habitam e adentram esse espaço. Inevitavelmente, personagens como o protagonista e outros refugiados passam a transitar entre as fronteiras da nacionalidade e do pertencimento, permitindo reimaginar a maneira como as etiquetas de filiação identitária são compostas a partir de um viés transnacional (BERND, 2013).

O romance é narrado por um protagonista sem nome, que se descreve como espião do Vietnã Norte (comandado pelo Partido Comunista do Vietnã - PCV) infiltrado no exército do Vietnã Sul (grupo financiado pelos Estados Unidos para que o PCV não ganhasse as eleições democráticas do Vietnã após o Tratado de Genebra). A história é apresentada em dois momentos principais: no primeiro, o protagonista escreve uma confissão em que organiza e expõe de forma analítica suas memórias pessoais para comprovar sua filiação ao Partido Comunista do romance; já no segundo momento a narrativa é conduzida a partir do presente diegético em que o protagonista se encontra após escrever sua confissão inicial, apresentando mudanças significativas do narrador em seu posicionamento do si na narração. No primeiro momento o sujeito descreve a si de forma fragmentada e distante, buscando uma posição neutra perante os atritos discursivos e ideológicos dos espaços que se insere. Enquanto o segundo momento narrativo é marcado por um reconhecimento do si e reconciliação com as expressões de sua diferença, expandindo a consciência do protagonista sobre sua busca por pertencimento. É também no segundo momento que a memória do narrador protagonista começa a se aproximar cada vez mais do presente, demarcando a continuidade de sua história.

O romance oferece diferentes vetores de formação de sentido associados à afetividade e ao desejo de pertencimento que são negociados nos espaços de socialização. Em ambos os momentos narrativos, o protagonista costura diferentes malhas sociais e interage com personagens que partilham de diferentes formas de alteridade, permitindo que a escrita de sua confissão testemunhe a influência de eixos de subjetividade e transitividade das facetas identitárias assumidas pelos personagens. A capacidade de adaptação e percepção do protagonista é aguçada pela complexidade de suas experiências de mobilidade durante sua vida: como refugiado na infância (momento que sua mãe sai do Vietnã Norte para o Sul devido aos conflitos políticos), como estudante intercambista na juventude e como refugiado nos Estados Unidos, no presente diegético. É a partir da exploração dos entrelugares e das áreas cinzas dos moldes identitários que lacunas de sentido entre narrativas individuais e coletivas são preenchidas e reescritas.

Como questão norteadora deste artigo, busca-se responder como a ambiguidade e a fragilização de sentidos é administrada a partir da construção da narrativa identitária do sujeito perpassado pela alteridade. Com o intuito de discutir alguns dos percursos de administração identitária dos personagens, lança-se, por este artigo, um olhar sobre as negociações discursivas empreendidas pelos personagens, refletindo sobre o contexto

transnacional em que os personagens se inserem e como são deslocados de seu país de origem.

## **1. Etiquetas classificatórias, contexto transnacional e representação**

Para diferenciar os vetores de identificação que incidem sobre os personagens do romance é possível organizá-los de duas formas: identidades que são presumidas como estruturas fixas e identidades negociáveis. Os vetores de identificação que se agrupam sob a primeira nomenclatura, de pressupostos discursivos, são concebidos como conjuntos de identificação que possuem menor flexibilidade, como a nacionalidade e pertencimento étnico-cultural, em conformidade com as proposições teóricas de Luciano dos Santos (2011). Essa organização é possível através da utilização de determinadas etiquetas classificatórias, o que Anthony Kwame Appiah (2019) caracteriza como uma prática inerente às dinâmicas de agrupamento e diferenciação dos sujeitos. De outro modo, as identidades são definidas a partir de etiquetas classificatórias que recaem sobre os grupos ou sujeitos, definindo quem pertence ou não a estas classificações. No caso dos pressupostos discursivos, essas classificações dependem menos das subjetividades individuais, sendo concebidas como características imutáveis.

As etiquetas utilizadas como pressupostos discursivos são constantemente questionadas em *O Simpatizante*, especialmente em relação à nacionalidade e às confluências transnacionais. O interesse externo sobre os recursos naturais do Vietnã tornou o país alvo de constantes incursões colonialistas, a partir do século 16, visando estabelecer colônias comerciais para garantir o monopólio sobre as especiarias locais e possibilitar a exploração. Destas incursões, a mais marcante foi a francesa de 1883, que perpetuou a influência europeia de forma incisiva através de estratégias de imperialismo cultural e estabeleceu controle militar sobre a região, permitindo anexar Camboja e Laos. Esta inscrição fez com que o território passasse a ser conhecido como Indochina Francesa. Para estabilização das colônias, uma das estratégias europeias foi assentar missões religiosas, permitindo à França estabilizar seu controle a partir de uma ação de imperialismo cultural, cujos resquícios e impactos são constantemente ilustrados no romance pela relação do protagonista com a religiosidade e outros aspectos transnacionais.

Os conflitos internos causados por essa colonização começam a tomar proporções maiores com a organização movimentos pela independência do Vietnã, culminado na

Primeira Guerra da Indochina. O confronto se estendeu por quase uma década (1946-1954) em que o país buscava se desvincular do domínio francês, tendo apoio externo de países como os Estados Unidos. Durante este período foram desenvolvidas táticas de guerrilhas que seriam utilizadas no confronto posterior, a Guerra do Vietnã. O final da Primeira Guerra da Indochina foi estabelecido pelo Acordo de Genebra (WIEST, 2016, p. 21), que apesar da intenção de acabar com o conflito e estabelecer um sistema de eleições democráticas, não trouxe a paz sobre o território. Após o acordo, os interesses norte-americanos sobre o Vietnã se alteram, ao invés de apoiar a estabilização do partido democrático que seria eleito pelo povo, os Estados Unidos passam a se posicionar de forma análoga. A mudança de posicionamento motivada pela Guerra Fria fez com que a divisão interna do território vietnamita se perpetuasse e intensificasse a influência dos Estados Unidos. O confronto ficou conhecido como a Guerra do Vietnã, resultando em 130.000 pessoas buscando refúgio nos Estados Unidos (ADAMS, 2008) e desencadeando posteriormente outras ondas de refugiados que foram alcunhadas de “*boat people*”. O deslocamento gerado por todos estes conflitos bélicos é ilustrado pelo percurso do protagonista, impactando de forma diferente a cada episódio em que ele necessita se estabilizar em outro ambiente.

O financiamento dos Estados Unidos não foi suficiente para que seus interesses ganhassem o confronto, fazendo com que os refugiados que adentraram o país norte-americano fossem considerados uma ameaça às políticas internas do país. No romance, o protagonista é confrontado constantemente com o desconforto ocasionado pela forma como os grupos hegemônicos o tratam: “Ameçávamos a inviolabilidade e a simetria de uma América branca e negra cuja política racial yin-yang não dava lugar para nenhuma outra cor, particularmente a desse patético povinho de pele amarela que andava furtando dinheiro da bolsa americana” (NGUYEN, 2017, p. 124). Com essa afirmação, o protagonista se refere às dicotomias internas que buscam por legitimação a partir de estratégias discursivas dentro do espaço social norte-americano.

Conforme a necessidade de legitimar a atuação norte-americana vai se intensificando, a indústria cinematográfica se apresenta como aliada importante para a disseminação de uma narrativa positiva. No romance, o narrador é incumbido de auxiliar o personagem chamado Cineasta no desenvolvimento de um filme, garantindo que a representação dos refugiados seja digna de sua participação na guerra. Contudo, mesmo com o protagonista tentando mudar o roteiro, o filme *The Hamlet* possui uma estrutura perpassada pelos interesses da hegemonia de seu contexto, refletindo também as aspirações morais e



ideológicas desse grupo dominante. É a partir de uma observação de Claude, mentor de espionagem do protagonista e o amigo mais próximo do General, que é revelada a importância de deter recursos sobre a representação para narrar sua própria história:

A história, a humanidade, a religião e esta guerra dizem para nós exatamente o contrário. [...] Os americanos são um povo confuso, porque não conseguem admitir essa contradição. Sabe como os americanos lidam com isso? Fingem que são os eternos inocentes, não importa quantas vezes tenham perdido sua inocência. O problema é que aqueles que insistem na própria inocência acreditam que tudo que fazem é justo. Pelo menos nós que acreditamos em nossa culpa, sabemos das coisas sinistras que podemos fazer (NGUYEN, 2017, p. 198).

O filme *The Hamlet* reforça moldes identitários norteadores e fornece os crivos de sentido para seus consumidores, obscurecendo as falhas sociais e discursivas ao reescrever os eventos históricos a partir de sua perspectiva. Da mesma maneira, a alteridade do outro é utilizada para reforçar a imagem positiva do si, selecionando sujeitos e comportamentos considerados legítimos.

Como consequência, o espaço público recebe diretrizes imagéticas que indicam quem deve ser incluído e quem deve ser excluído desse espaço, conforme os interesses dominantes. Por essa razão, de acordo com a secretária do Cineasta sobre as restrições do protagonista na alteração do roteiro, refugiados como ele não devem possuir agência sobre a construção das imagens representadas através da ficcionalização cinematográfica, pois teceriam diferentes perspectivas narrativas, pautados por crivos simbólicos que desestabilizariam os interesses dominantes.

Hollywood não se limitava a fazer monstros de filme de terror, ela era seu próprio monstro de filme de terror, esmagando-me sob seu pé. Eu fracassara e o Cineasta faria *The Hamlet* do jeito que queria, com meus conterrâneos servindo apenas de matéria prima para um épico sobre homens brancos salvando os amarelos bons dos amarelos maus. Eu tinha pena dos franceses por sua ingenuidade em acreditar que precisavam visitar um país a fim de explorá-lo. Hollywood era bem mais eficiente, imaginando os países que queria explorar. Fiquei enfurecido diante da imaginação e maquinação do Cineasta. A arrogância dele assinalava algo novo no mundo, pois essa era a primeira guerra em que os derrotados escreveriam a história, não os vitoriosos, cortesia da máquina de propaganda mais eficaz jamais criada (NGUYEN, 2017, p. 140).

As vias de circulação pública e de propaganda, como o cinema, são descritas pelo Narrador como uma das principais formas de legitimação narrativa. Aqui, a possibilidade de imaginar o si através de uma lente que permita enfatizar perspectiva histórica específica elide

a possibilidade de questionar as imperfeições e os defeitos destes discursos. A construção de uma história finalizada, fechada, como na representação ficcional de *The Hamlet*, facilita a construção imaginativa do si a partir de uma reconstrução narrativa palatável para sua plateia, colocando holofotes sobre os acontecimentos que devem ser consumidos e a maneira como são representados, enquanto as informações que geram desconforto são relegadas aos bastidores dessa composição.

Neste caso, a máquina de propaganda a que o Narrador se refere reimagina a narrativa do passado, com base em uma perspectiva que apaga as transgressões cometidas pelos protagonistas da ação em cena. A recriação de um filme que traz como centro a figura de um herói branco que salva as minorias ofusca as marcas da violência das intervenções cometidas nos espaços invadidos. Essa encenação apaga dimensões de sentido que se opõem à estabilização dessa narrativa.

## 2. Estabilização no presente e legado

Considerando a indústria cinematográfica como uma das estratégias para a propagação de uma perspectiva narrativa, é importante pensar em outros vetores de estabilização narrativa e identitária. Dito isto, os crivos de sentido também emergem e podem ser estabilizados na esfera pública através de outras expressões, como a memória comunitária que, muitas vezes, traz em seu bojo sedimentos imagéticos e memoriais que contrastam com a perspectiva hegemônica.

Danielle C. M. Pereira descreve a produção literária como “um *lugar de memória* [em que a ficcionalização de eventos históricos serve] como um suporte no qual múltiplos aspectos e imagens relativas às modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária” (PEREIRA, 2014, p. 349, grifos do original). Assim, o romance reproduz o diálogo entre a experiência individual e a memória comunitária a partir de mais de um vetor intertextual.

Considerando o romance de Nguyen em seu contexto extradieético, sua produção resiste às construções e representações históricas hegemônicas. A narrativa interna traz consigo vozes e sedimentos de memória de um protagonista que fala por uma comunidade. No percurso narrativo do protagonista, são incorporadas vozes e experiências diversas, pela constante mobilidade desse personagem: em sua produção confessional fala como agente duplo e, conforme se vê sob a condição de refugiado, não mais sob a influência das estruturas

de poder e violência anteriormente descritas, descreve sua experiência a partir de uma perspectiva plural (“Eu era esse homem de duas mentes, eu e eu mesmo. Havíamos passado por tanta coisa, eu e eu. Todo mundo que conhecemos quisera nos separar um do outro, queriam que escolhêssemos uma coisa ou outra”, NGUYEN, 2017, p. 377). A peculiaridade na alteração do modo narrativo indica uma integração do personagem em dois níveis: o primeiro subjetivo, que suas identificações e facetas diversas são pacificadas de forma interna, enfatizando a coexistência mútua de suas características consideradas ambíguas; enquanto no segundo a encenação de uma narrativa pessoal é ampliada para uma narrativa comunitária.

Em outras palavras, as memórias individuais do narrador se abrem, acomodando também observações e descrições a respeito de seu local de fala e expondo experiências que são compartilhadas por toda uma comunidade. Ao passo que a rememoração ocorre de maneira direta em nível individual, a memória coletiva depende da negociação de cargas simbólicas que servirão como crivos de sentido. A relação dialógica direta entre o nível pessoal e o plural é suspensa quando lacunas de sentido precisam ser preenchidas para a formação de uma narrativa comunitária. Candau constata: “as memórias individuais se [abrem] umas às outras visando um mesmo objetivo, que [é] o poder” (CANDAU, 2011, p. 47). O poder ao qual Candau se refere é a inscrição de uma narrativa que será legada à matriz externa de rememoração.

No romance, a presença da comunidade vietnamita no espaço-norte americano é um indicador que, por si só, confronta constantemente a narrativa hegemônica sobre eventos históricos. Contudo, é necessário que as memórias internas dessa comunidade sejam organizadas para fins de representação coletiva. Sendo assim, os “*lote[s]* de potencialidades” (RICOEUR, 2010, p. 126) precisam ser negociados de forma interna para que narrativas e projetos identitários possam ser legados e continuados. Em seu estudo, Sarah Macdowell (2008, p. 40) identifica o caráter construído e, sobretudo, negociado de narrativas memoriais.

A disseminação de diferentes formas de administrar o si em um novo contexto social também cria novas formas de diferenciação, como a internalização de imagens identitárias pautadas pela imaginação de novos limites. De outra forma, os personagens adquirem novas configurações cartográficas, baseadas nas imagens que circulam no novo espaço social. Consequentemente, aplicam as novas concepções de diferenciação que são adquiridas pelo contato com a perspectiva hegemônica (PALUMBO-LIU, 1994).

Pressuposta como uma matriz estável de produção de sentido e estabilização do si, a

identidade nacional nem sempre é capaz de suprir elos de coesão narrativa para sujeitos que são confrontados com a falta de pertencimento a uma nação – como os refugiados do romance. Sebastian Brooke (2016) descreve a nacionalidade como um processo que necessita de constante revisão para a estabilização de sua matriz de sentidos, que na maioria das vezes ocorre de forma automática e inconsciente. Para sujeitos deslocados de seu país de origem, essa matriz deixa de ser capaz de suprir elos de coesão e estabilização narrativa, fazendo com que seja necessário empreender um esforço para situar o si a partir de um vetor de pertencimento nacional.

Se na revisão inconsciente a inscrição de sua significação ocorre sutilmente para as novas gerações, os casos em que há o empreendimento consciente de esforços para formular o sentido farão com que as novas gerações também sejam impactadas, em maior ou menor nível, através da memória legada. Dessa forma, as expressões sobre o pertencer e o significado identitário começam a ser pluralizados. Em sua entrevista sobre o conceito de identidade, Zygmunt Bauman parte de sua experiência de privação e deslocamento individual quando reflete sobre a forma como a identidade nacional é imaginada, destacando que identidade somente se torna foco de problematização quando o indivíduo experimenta a sensação de insegurança sobre sua existência (BAUMAN, 2004, p. 11-12). Em outras palavras, indivíduos não questionam as macroestruturas identitárias, até que vejam seu pertencimento negado e necessitam revisar seus vetores de sentido.

No romance, quando o protagonista se reencontra com Man no final da narrativa, o diálogo de seu amigo revela a intensidade do impacto de perder seus pilares de estabilização identitária: “Então, lembra o que aprendemos no liceu, nas palavras de Phan Boy Chau? ‘Para o ser humano, o maior sofrimento vem de perder seu país.’ Quando este ser humano perdeu seu rosto, sua pele e sua família, este ser humano imaginou você, meu amigo” (NGUYEN, 2017, p. 340). Na ocasião, Man é reconhecido pelo protagonista como o Comissário responsável por seu aprisionamento e tortura. Man assume a posição de Comissário do Partido Comunista após a “queda de Saigon” (NGUYEN, 2017, p. 64), quando foi atingido por bombas Napalm que deixam seu corpo e rosto desfigurados. Man associa sua falta de um rosto e a impossibilidade de se sentir íntegro em seu grupo familiar com o deslocamento do protagonista. Nessa comparação, Man equipara seu sofrimento físico com a falta de um crivo de sentido identitário que perpassa constantemente o protagonista.

Dentre os elementos que fornecem significado para a imaginação da identidade nacional, destacam-se as estruturas que situam os sujeitos na malha nacional em comum,

que fornecem moldes de identificação e que auxiliam na administração do si: as relações sociais, culturais e linguísticas. Segundo Benedict Anderson, a identidade nacional deve ser estabilizada coletivamente, pois necessita antes de tudo, ser “imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas [...], a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2020, p. 34), o que permitiria aos seus integrantes a unificação igualitária do pertencimento, sem que necessitem conhecer a todos os membros através de uma formulação narrativa na qual se inserem e se situam. Essa concepção de horizontalidade é parcialmente contestada por Bhabha (2000, p. 293), que argumenta que sujeitos oriundos de fluxos migratórios não são contemplados nesta extensão, uma vez que os símbolos estabilizadores de sentido não lhes garantem necessariamente a possibilidade de pertencimento ao novo espaço de assentamento em que se inserem.

É possível observar no romance a importância dos espaços de socialização e dos eventos para a comunidade refugiada, uma vez que fornecessem uma possibilidade de administração de sua identificação:

Alguns de vocês devem ter ouvido falar que os americanos são um povo que gosta de sonhar. É verdade, e embora alguns digam que a América é um estado de bem-estar social, na verdade é um estado de sonho. Aqui podemos sonhar com qualquer coisa, não é, senhoras e senhores? [...] Meu sonho americano é ver uma vez mais, antes de morrer, a terra onde nasci, sentir o gosto mais uma vez dos caquis da árvore no jardim da minha família em Tay Ninh. Meu Sonho Americano é voltar para casa e poder acender um incenso no túmulo dos meus avós, passear por nosso belo país quando enfim estiver em paz e o som dos canhões não puder ser ouvido acima dos gritos de alegria. Meu Sonho Americano é caminhar da cidade até a aldeia para cultivar os campos e ver rapazes e garotas que nunca ouviram falar da guerra rindo e brincando, de Da Nang a Da Lat, de Ca Mau a Chau Doc, de Sa Dec a Song Cau, de Bien Hoa a Ban Me Thout... [...] Esse é meu Sonho Americano, disse o Poeta, e seja qual for a roupa que eu vista, ou a comida que eu coma, ou a língua que eu fale, meu coração não mudará. [...] Embora não possamos estar em casa de verdade, podemos regressar em *Fantasia*. (NGUYEN, 2017, p. 242)

A percepção e construção narrativa é enunciada por um personagem denominado como Poeta, e acontece durante um evento desta comunidade vietnamita para demarcar um ano desde que foram para os Estados Unidos. O discurso poético enunciado pelo personagem evidencia a condição constante da reformulação da identidade nacional, que nesse caso passa a perceber o si a partir das novas experiências de socialização. Aqui, símbolos que remetem ao passado e ao antigo arraigamento, a saber costumes familiares, a comida e espaços físicos, são trazidos de forma nostálgica. A ruptura gerada por não poderem mais acessar esse passado é preenchida por uma nova percepção, a perspectiva de estarem na América,

construindo para si uma possibilidade de reinventar o que consideram “o sonho americano”.

A nacionalidade passa então a ser ressignificada a partir de uma perspectiva transnacional, em que as fronteiras do pertencer se expandem para além do espaço geográfico que habitavam. As experiências do presente contextualizam o pertencimento nacional da comunidade de forma que os símbolos revisados no passado permitam um sentimento de união desta comunidade, traçando “pontes entre ‘utopias’ [que] indicam o vestígio de uma função do imaginário e uma remanescência dos paraísos [...], a figura do presente do imaginário narra no positivo uma ausência” (CERTEAU, 1995, p. 44). Para isso, o poema descreve as mudanças de costumes e hábitos culturais, como a forma de vestir e a língua que utilizam para se inserir neste novo contexto, ressaltando a ideia de que a mobilidade desta comunidade não é apenas física. Mesmo perpassados por mudanças, o símbolo fornecedor de sentido para a imaginação do si dessa comunidade continua a ser compartilhado pelos personagens, sendo evocado pelas memórias compartilhadas que precedem os impactos da guerra.

## **Considerações finais**

Os grandes vetores de identificação utilizados pelos personagens são reimaginados. Mesmo identidades presumidas como estáveis ou intransigentes, como a nacionalidade, passam por um processo de ressignificação. Em um primeiro momento, a formação de pequenas comunidades permite que os personagens estabeleçam para si um novo espaço de socialização em que costumes e valores possam ser compartilhados e resgatados, independentemente de estarem associados a um espaço geográfico. Assim, o espaço de socialização permite consolidar e legitimar as narrativas identitárias, podendo agregar mudanças oriundas de confluências transnacionais no novo contexto nacional que habitam.

A possibilidade de representar o si se torna fundamental em termos de estabilização e legitimação, que é assegurada pela formação de símbolos discursivos e cargas imagéticas que permitam despertar sentido de pertencimento. Como forma de assegurar que as narrativas do si proporcionem o pertencimento, as criações artísticas e sua divulgação se tornam de extrema importância. No romance essa estabilização a partir da encenação e recriação artística ocorre de duas formas, a partir da indústria cinematográfica e a partir dos eventos locais da comunidade vietnamita refugiada.

No caso da indústria cinematográfica, as produções são permeadas pelos interesses da classe hegemônica, que detém maior controle e possibilidade de exportar suas criações. Essas produções são formuladas a partir da centralização da classe hegemônica no cerne de protagonismo dessas narrativas e reforçando moldes classificatórios orientados por estereótipos dos grupos minoritários. Enquanto isso, as produções oriundas diretamente do espaço de socialização da comunidade refugiada buscam primeiramente a possibilidade de arraigamento do si ao novo contexto, tendo em seu cerne o potencial de alteração e criação de novos moldes norteadores. Nesse segundo caso, as narrativas do si buscam uma ressignificação e uma possibilidade de legar o vivenciado para novas gerações. Estas novas expressões se colocam como contra-narrativas para as produções hegemônicas, permitindo que a ambiguidade que se estabelece entre os moldes de sentido permaneça em constante revisão.

Em suma, a possibilidade de legitimar as narrativas do si que diferem dos moldes hegemônicos abrem espaço para que novos crivos de sentido sejam legados, fazendo com que a ambiguidade não necessariamente se apresente de forma negativa. De outra maneira, é a partir da ambiguidade e da diferença que as narrativas identitárias se recriam no romance, oferecendo o potencial de pertencimento aos sujeitos deslocados.

## Referências

ADAMS, Bella. *Asian American Literature*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Gary. Vietnam and World War Two. *Vital Speeches of the Day*. [s. l.], v. 72, n. 6, p. 181–186, 2005.

APPIAH, Anthony Kwame. *The Lies that Bind: Rethinking Identity*. New York: Liveright, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Identity: conversations with Benedetto Vecchi*. Wiley, 2004.

BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.23, p. 211-222, 2013.

BROOKE, Sebastian. Constructing Identity: Nation, Culture, Language and Media. *英文学思潮* 89, 9-20, 2016.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª ed, 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobranekzy. Campinas, SP: Papirus, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *SCRIPTA UNIANDRADE*. V. 16, p. 225-238, 2018.

MCDOWELL, Sara. Heritage, memory and identity. In: GRAHAM B; HOWARD P. (Orgs.). *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. Abingdon: Routledge, p. 37-54, 2008.

NGUYEN, Viet Thanh. *O Simpatizante*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

NGUYEN, Viet Thanh. *The Displaced: Refugee Writers on Refugee Lives*. New York: Abrams, 2018.

PALUMBO-LIU, David. The Minority Self as Other: Problematics of Representation in Asian-American Literature. *Cultural Critique*, no. 28, p. 75–102, 1994.

PALUMBO-LIU, David. Introduction. In: \_\_\_\_\_, (org.). *The ethnic canon: histories, institutions, and interventions*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 1-30, 1995.

PALUMBO-LIU, David. Assumed Identities. *New Literary History*, Volume 31, Number 4, p. 765-780, 2000.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ*. v. 28, n. 2, p. 344-355, 2014.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teórica. *Revista Rascunhos Culturais*, v. 2, nr. 4, p. 141-157, 2011.

SILVA, T. S.; HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Submetido em: 31 de agosto de 2023

Aceito em: 11 de março de 2024